LEITURAS DA PAISAGEM CULTURAL DO CONJUNTO MODERNO DA PAMPULHA E SUA INTER-RELAÇÃO COM A BACIA HIDROGRÁFICA PARA O (RE)CONHECIMENTO COMO PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE

GIANASI, LUSSANDRA M.; NORONHA, GABRIEL T.; MACHADO, POLLYANNA L.

1. UFMG/IGC
Departamento de Geografia
E-mail: Lussandrams@gmail.com

2. Centro de Educação Ambiental/Propam (Consórcio de Recuperação da Bacia da Pampulha)
E-mail: gabrieltnoronha@gmail.com

3. UFMG. Mestranda FaE/Promestre
E-mail: pollyanna.mus@gmail.com

Resumo

Buscar entender as diversas dimensões acerca do termo Paisagem Cultural no contexto do Conjunto Moderno da Pampulha, enquanto Patrimônio da Humanidade, nos permite pensar a relação mais profunda existente entre os bens integrados e a Bacia Hidrográfica ali presente. Desta forma, iremos levantar alguns pontos de importante reflexão sobre a Bacia e suas potencialidades, possibilidades e problemas com intuito de fortalecer as inter-relações nas abordagens educativas. Tais abordagens levam em consideração os aspectos relacionados com as águas, ao meio ambiente, aos edifícios e toda sua carga histórica, cultural e social, assim como os usos e as diversas leituras e interpretações possíveis. A partir do entendimento de que esta paisagem cultural é construída, recriada e criada constantemente, pretendemos colaborar para a concepção e reconhecimento do Conjunto Moderno da Pampulha como algo múltiplo e diverso, considerando todas as implicações de sua riqueza e variedade tanto dos bens naturais, quanto dos bens construídos e inseridos em seu entorno. Trazemos a problematização de paisagem dominante e paisagem excluída das leituras de Cosgrove (1998) para entender as Pampulhas que existem e estão intimamente relacionadas com o território da bacia hidrográfica. Como resultado das discussões propomos um tour geográfico sobre o chão do território, que comunica com o público questões de entendimento dos problemas, das possibilidades e das potencialidades do patrimônio cultural mundial do Conjunto Moderno da Pampulha. Pensamos que esse constructo teórico-metodológico que leva os habitantes a entender o território possibilita criar uma leitura da paisagem mais ampliada, para além dos símbolos arquitetônicos.

Palavras-chave: paisagem cultural; bacia hidrográfica; educação patrimonial; tour geográfico; leitura da paisagem.

1. INTRODUÇÃO

O Conjunto Moderno da Pampulha, reconhecido com o título de Patrimônio da Humanidade, na categoria de Paisagem Cultural[i], concedido pela UNESCO, em julho de 2016, compreende várias formas de expressão artística em um todo integrado, onde a tecnologia construtiva e a linguagem específica de cada modalidade (arquitetura, paisagismo, escultura, pintura) se completam. Além da excepcionalidade das formas e dos recursos empregados na concepção do Conjunto, outro aspecto importante é a localização escolhida por Oscar Niemeyer para os edifícios à margem do espelho d'água (represa)- ícone geográfico importante - e a relação destes com a paisagem e seu entorno, conferindo-lhe certa unidade. A característica de "unidade" produzida em boa parte pelas águas represadas, que forma a represa[ii] da Pampulha, é considerada um elemento articulador de todos os símbolos arquitetônicos ali construídos.

A partir do conceito de "Obra de Arte Total" utilizado no dossiê de candidatura[iii], o Conjunto Moderno é visto de forma integradora, em que os edifícios e a paisagem se articulam a outros elementos que valorizam as referências da natureza local e as tendências universais. Por meio do *vis-à-vis,* expressão em francês que significa "cara a cara", o arquiteto Oscar Niemeyer escolhe os pontos em que os edifícios seriam construídos de maneira que é possível vê-los de outras margens da lagoa, criando um diálogo entre eles e reforçando as relações visuais que estabelecem entre si e com a paisagem.

Ora, se o espelho d'água é entendido como elemento articulador, ele deve ser tratado como primordial na discussão e construção de políticas públicas que levem em conta o uso sustentável desse bem. A conformação da represa se dá a partir das águas que vertem de nascentes e córregos que nascem tanto fora quanto dentro dos limites do município que compreendem o conjunto arquitetônico. No entanto, se a qualidade e a quantidade dessas águas são insuficientes e estão contaminadas, ou se há inundação de áreas próximas ao bem, os valores arquitetônicos, paisagísticos e turísticos não terão impacto positivo aos que visitam e transitam em seu entorno. Sendo assim, seu caráter articulador, poderá ser desagregador, como já foi chamado atenção no dossiê "cabendo maior esforço, a atuação mais recente sobre os problemas ambientais que afetam a lagoa, particularmente em sua porção oeste, fora, portanto, da área diretamente relacionada com o Conjunto"[iv]. Se há impacto nessa porção, é necessário ter, portanto, uma adequada gestão[v]. Nesse sentido, fez e faz-se imprescindível para o

entendimento de uma paisagem cultural construída ao longo dos tempos, recriada e criada constantemente, comunicar/apresentar aos visitantes o conceito de bacia hidrográfica evidenciando suas potencialidades, possibilidades e problemas[vi] (Gianasi, 2016) a partir de um tour de reconhecimento dos ícones geográficos fixos e os fluxos (Santos, 2006) desse espaço geográfico, bem como de suas paisagens dominantes e excluídas (Cosgrove, 1998). Vale lembrar que a Bacia Hidrográfica dos córregos que deságuam na Represa da Pampulha compreende uma área de 97 km², sendo 55% abarcada pelo município de Contagem e 45% pertencente a Belo Horizonte, onde o limite entre ambos os municípios é intensamente conturbado, caracterizado por uma mancha urbana contínua.

2. LEITURAS DA PAISAGEM DO TERRITÓRIO DA BACIA HIDROGRÁFICA ÀS PAMPULHAS QUE DESÁGUAM NA REPRESA E SE ENCONTRAM COM A OBRA DE NIEMEYER

2.1. PAISAGEM CULTURAL E CRITÉRIOS DA UNESCO

A paisagem como conceito é discutida em geografia desde a formação da disciplina como ciência. Paulatinamente houve modificação-adequação do seu entendimento ao tempo e espaço. No entanto, ainda, "a ideia de paisagem é ambígua e sujeita a ter múltiplas interpretações" Almeida *et al.* (2013 p. 187). Essas interpretações e revisitação ao conceito, desde a década de 90, incrementou na modernidade o debate teórico-metodológico sobre o tema. Resultou, nessa perspectiva, uma ampliação dessas pesquisas, empoderando, sobremaneira, a geografia cultural mundial e brasileira. Com todo esse movimento na ciência geográfica sinalizamos que esse trabalho não pretende trazer uma revisão bibliográfica extensa do tema, que é riquíssimo. Pretendemos sim suscitar um diálogo quase inexistente com teóricos que pensam sobre essa geografia moderna relacionando-a com as questões socioambientais ligadas à bacia hidrográfica/rios/córregos/águas no campo patrimonial. E assim, discutir patrimônio, identidade, território e a leitura dessa paisagem. Compreendemos que essa leitura, por exemplo, no caso do Conjunto Moderno da Pampulha abarca comunicação de informações complementares. Ou seja, ver a totalidade do território é evidentemente muito importante, para além dos ícones materiais patrimonializados, que são mais referenciados nas comunicações/trabalho museológicos. Importa, a noção de conjunto da obra que ela forma a partir do bem natural, as águas. Pois, a represa, se dá a partir da junção dos córregos, gerando o patrimônio circunscrito, a partir dela, com as outras obras de

Niemeyer. A soma desses ícones-símbolos geográficos e arquitetônicos produzidos pelos homens, combinam quantidade e qualidade de suas águas com símbolos edificados do arquiteto e do paisagista. Nesse contexto, apresentar esse patrimônio diferenciado espacialmente, que combina beleza construída e bem natural, as águas, território da totalidade, é o desafio desse artigo. Buscamos em Ribeiro *et al.* (2013) discussões baseadas no processo de patrimônio cultural do Rio de Janeiro em 2012 e exemplos descritos no artigo sobre outros bens naturais como o Parque Nacional do Iguaçu - Paraná (1986); Costa do Descobrimento - Bahia e Espírito Santo (1997); Parque Nacional do Jaú - Amazonas (2000); Pantanal Mato-grossense - Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (2000); e Parque Nacional de Fernando de Noronha, Pernambuco (2001). Todos esses lugares têm uma relação direta com a presença da água e esse elemento domina a paisagem e contribui sobremaneira para a sua valorização. No artigo há uma preocupação em analisar as legislações que se impõem em várias esferas para a gestão das águas e patrimônio e o nosso trabalho busca uma compreensão que esbarra nessa questão, pois nos critérios para a manutenção do patrimônio cultural pela Unesco há que se despoluir a lagoa e torná-la classe 3[vii]. Mas, reforçamos que a ideia central é também buscar uma mudança na apresentação e comunicação dos bens patrimoniais mundiais ao público, tentando aproximar o conceito de territorialidade do espaço vivido, bem como sua análise pelos órgãos que monitoram, avaliam e articulam os edifícios do patrimônio. Dessa forma, entendemos que o público ao identificar problemas, possibilidades e potencialidades (Gianasi *et al.* 2016) pode se aproximar do território e usá-lo de outras formas.

Partimos, em tela, para conectar então comunicação, patrimônio e território. Pois, para reconhecer o território precisa-se de um ato de comunicação (Raffestin, 1988[viii] citado em Heidrich, 2013). A comunicação que aqui apresentamos é

> aquilo que não faz parte da compreensão de um pode se tornar presente por meio da exposição da ideia por outro sujeito ou grupo. Para a composição do vivido o diálogo é imprescindível. O que se põe em relação na vida social, ao mesmo tempo em que afeta também é afetado (HEIDRICH, 2013 p. 54).

Afetar e ser afetado é de uma forma a maneira de nos percebermos nesse território ao ouvir as explicações baseadas em pesquisas/leituras sistematizadas de mundo do outro. E caminhando nesse sentido, “o fato de a paisagem cultural ser uma maneira de demonstrar a identidade territorial evidencia outro viés de como “ler” a paisagem (Almeida, 2013, p.187).

Ou seja, formar cidadãos para entender as paisagens no seu contexto geográfico mais amplo está em consonância com o que a Unesco entende por patrimônio. Como ponto de conexão trazemos nesse artigo a visão da Unesco sobre Paisagem Cultural e a ideia que temos de comunicação de questões sobre o território das águas. Nessa perspectiva há uma amálgama entre o elemento natural e o cultural e como podemos lê-lo. Como coloca Heidrich:

> "Pode-se não conhecer de forma direta a totalidade do território e da sociedade nos quais estamos inseridos, mas se tomamos conhecimento deles, se recebemos notícias por meios de comunicação, tende-se a assimilar a ideia de que essa totalidade nos diz respeito. Se o conjunto da sociedade é afetado como um todo por qualquer fato, então, também somos afetados (HEINDRICH, 2013, p. 57.)

Pois, percebemos, como aponta Figueiredo que:

> "a cultura passa a ter uma nova importância na vida econômica e política contemporânea. O desenvolvimento humano não é compreensível sem o reconhecimento do verdadeiro papel da criação cultural, em estreita ligação com a educação e a formação, com a investigação e a ciência". FIGUEIREDO (2013, p. 207).

Sauer[ix] (2010) citado em Almeida (2013) afirma que, na formação cultural, a cultura é o agente, a paisagem natural é o meio e a paisagem cultural é o resultado. A UNESCO utiliza desde 1992 o termo, sugerindo a amálgama entre o elemento natural e o cultural.

> A paisagem apreendida pelo sentido da visão é uma combinação dinâmica dos elementos físico-químicos, biológicos, antropológicos de forma interdependente. A paisagem percebida define-se como a imagem surgida da elaboração mental de um conjunto de percepções que caracterizam uma cena observada e sentida em um momento concreto. Já a paisagem valorizada significa, segundo Rodriguez, Silva e Cavalcanti (2010), o valor relativo (estético, simbólico e ideológico) que um sistema ou grupo social a determina (ALMEIDA, 2013, p. 187).

A UNESCO valida o título de patrimônio da humanidade levando em consideração dez diferentes critérios. A aprovação do Conjunto Moderno da Pampulha é sustentada pelos critérios i, ii e iv. O primeiro critério se refere à *obra-prima da genialidade e criatividade humana*, considerando os artistas e profissionais envolvidos no Conjunto. Entre todos os critérios, esse se encontra constantemente evocado no discurso oficial ao vincular as obras com relevantes profissionais brasileiros, entre eles Oscar Niemeyer, Cândido Portinari, Burle Marx e Alfredo Ceschiatti. O critério ii trata do *expoente de dada época e cultura desenvolvido pela arquitetura, tecnologia, artes, urbanização ou desenho da paisagem*. Defende-se aqui como o chamado *"landscape design*" é primordial para o aspecto pitoresco da represa, e todas as implicações do

barramento do Ribeirão Pampulha na urbanização da metrópole de Belo Horizonte. E por fim, o critério iv destaca *impressionante exemplo de construção, arquitetura, tecnologia e paisagem que ilustra um significativo estágio da história humana*.

2.2. CONJUNTO MODERNO, PAMPULHA E BACIA HIDROGRÁFICA

O início dos anos 1940 foi marcado pela criação e construção de uma área de lazer, diversão e turismo na região da Pampulha, até então pertencente à zona rural de Belo Horizonte, para a qual foram projetados o Cassino, a Casa do Baile, o Iate Clube, a Igreja de São Francisco de Assis e a proposta de um campo de golfe e de um hotel, edificações localizadas no entorno de uma represa formado pelo aprisionamento de cursos de água desse território. Foi este o cenário escolhido por Juscelino Kubitschek para implantar a modernidade na capital de Minas. O projeto arquitetônico é assinado por Oscar Niemeyer e o paisagismo por Roberto Burle Marx, além destas duas importantes figuras, participaram também artistas plásticos como Alfredo Volpi e Paulo Werneck, entre outros - tal composição é característica comum das obras de Niemeyer no contexto do Conjunto Moderno da Pampulha.

A instalação de um Cassino estava voltada principalmente para as camadas mais privilegiadas da sociedade. Já o Baile, como na época era chamada a Casa do Baile, se destinava a atender a uma parcela mais popular. O Iate Golfe Clube, hoje Iate Clube, era destinado às práticas esportivas, sobretudo, esportes náuticos, visando aproveitar o grande espelho d'água formado pela represa. Já a Igreja de São Francisco de Assis foi alvo de grande polêmica: se, por um lado, foi a primeira obra modernista a ser protegida por lei federal de tombamento (ainda em 1947), por outro, devido ao fato de se tratar de um estilo diferente daqueles usados até então para edificações religiosas, não foi reconhecida pelas autoridades eclesiásticas, permanecendo fechada por muitos anos, até que, em 1959, foi consagrada e aberta. Deve-se lembrar de que, no início dos anos 1940, o acesso à Pampulha ainda era bastante restrito, tanto que foram necessárias obras de abertura da Avenida Pampulha, atual Avenida Antônio Carlos, ligando a região ao centro da cidade. As programações e apresentações do Cassino da Pampulha eram anunciadas em revistas de grande circulação na época, como a revista Alterosa e a revista Belo Horizonte. Com a proibição do jogo no Brasil em 1946, o Cassino foi fechado, sendo a edificação destinada, nos anos 1950, a abrigar o Museu de Arte de Belo Horizonte (BERNARDES, 2015, p. 18-19).

2.2 DUAS LAGOAS NUMA REPRESA: A BACIA HIDROGRÁFICA

As bacias hidrográficas, elementos naturais da paisagem, podem ser entendidas como territórios, pela função relacional que a rege, incluindo fluxos, movimentos e conexões. E como conclama a lei 9.433, da Política Nacional de Recursos Hídricos, seja praticada uma gestão mais descentralizada e participativa nestes "territórios hídricos", onde diferentes segmentos e esferas da sociedade desenvolvam sentido de pertencimento e reivindicação da decisão sobre os elementos físicos que compõe a bacia hidrográfica, cientes do compartilhamento de riscos responsabilidades (WSTANE, 2013, p. 15).

Ao pensarmos a Bacia da Pampulha como território de análise, devemos pensar em seus limites e fronteiras, como destaca Hissa (2009):

> "Onde há território, há limite e fronteira. Inseparáveis, limites e fronteiras, no âmbito dos territórios, apresentam significados contrários. Os limites estão voltados para dentro, como se representassem a guarda dos territórios. Pelo oposto, as fronteiras, espaços de transição, zonas de contato, espaços de abertura, estão voltadas para o exterior" (HISSA, p. 66, 2009).

Inseparáveis no território a Bacia da Pampulha está entrecortada pelo limite intermunicipal de Contagem e Belo Horizonte, assim como os limites das regionais, unidades de gestão municipal para racionalizar serviços básicos aos cidadãos que habitam dentro de seus perímetros. Nesse sentido, pensar o patrimônio cultural do entorno da Represa da Pampulha, perpassa por analisar essa delimitação geográfica complexa e real. A represa é aí um elemento articulador, que permitiu o encontro da cultura e da geografia, com sua paisagem.

A articulação envolve, portanto, questões administrativas, que em meio à abertura democrática ocorrida na década de 80, Belo Horizonte passa por decisões políticas de descentralização, como é o caso do Decreto Municipal n. 4.523/83 que define criação das nove regionais, sendo em 1985 estabelecidos seus limites por meio da Lei nº 4158/85. Em Contagem a atual divisão permeia da criação do Plano Diretor, em 1995. Assim, a Bacia da Pampulha compreende totalmente as regionais Nacional e Ressaca, em Contagem, parte da regional Eldorado e minoritariamente a regional Sede. Em Belo Horizonte, a Bacia contém a maior parte da Regional Pampulha, parte considerável da Noroeste, e um pequeno fragmento da Venda Nova (FIGURA 1).

Figura 1: Mapa da Bacia Hidrográfica da Pampulha e Divisão Administrativa do entorno do Patrimônio Cultural Mundial – Conjunto Moderno da Pampulha

2.2.3 AS PAISAGEM DOMINANTES E AS EXCLUÍDAS NAS PAMPULHAS

Embora seja referência geográfica para milhões de pessoas que habitam o espaço metropolitano de Belo Horizonte, a Pampulha não é um território de limites precisos e acabados, e possui diferentes dimensões que se atravessam. Temos a represa, os bairros e a regional. A represa, sua orla e bairros adjacentes são evidentemente a menor dimensão da Pampulha, e a mais conhecida e comunicada. Já a regional administrativa Pampulha se trata de um território apreendido pela gestão municipal de

Belo Horizonte, com dimensão escalar intermediária. O mais amplo território da Pampulha é a bacia hidrográfica da Represa da Pampulha, espaço urbano e suburbano cuja rede hidrográfica verte à represa, e que ao extrapolar o limite entre Belo Horizonte e Contagem, reafirma a necessidade de cooperação intermunicipal em prol de um território mais integrado sócio ambientalmente (NORONHA, 2018). E é esse aspecto que chamamos a atenção nesse artigo, que denominamos território das águas da obra de Niemeyer, a bacia hidrográfica da Pampulha, pois esse território é excluído completamente das apresentações e considerações para a população que visita certos ícones arquitetônicos que se tornaram patrimônio cultural mundial. Entendemos que esse território é dividido e significados diferentes são dados a eles pelos entes públicos e absorvidos pela população que os vê; os-reinterpreta e os-entende.

Por isso compreendemos que a represa da Pampulha pode ser setorizada em duas partes distintas, tanto em termos batimétricos, em relação à qualidade da água e culminando com a delimitação das áreas pela UNESCO. Evidentemente a maior profundidade do reservatório se encontra próxima ao vertedouro, em sua metade Leste, a parte mais valorizada e visitada, uma paisagem da cultura dominante Cosgrove (1998, p. 118-121), variando entre cinco e dezessete metros. Antagonicamente, a afluência de sete dos nove córregos no lado ocidental da represa, trazendo a maior parte da água e do sedimento carreado à represa, faz com que a metade Oeste, paisagem excluída Cosgrove (1998, p. 118-121) se limite em até quatro metros de profundidade (Resck *et al.*, 2003, p.).

Chamada anteriormente de Ilha da Ressaca, o Parque Ecológico Francisco Lins do Rego é resultado do assoreamento agravado pela urbanização na Bacia. Mais conhecido como Parque Ecológico da Pampulha, ele é criado em 2005 mormente irreversibilidade da perda de 1/3 do espelho d'água da represa, conferindo à área um espaço de fruição à população.

O estreitamento do espelho d'água da Represa de quase 250 de largura próximo ao final da Rua Palermo ilustra exemplo de uma barreira simbólica, consolidada pelos órgãos gestores da Lagoa (Figura 2).

Figura 2: As duas redes de detenção localizadas na porção central da represa

Autor: Gabriel Noronha (Julho/2018)

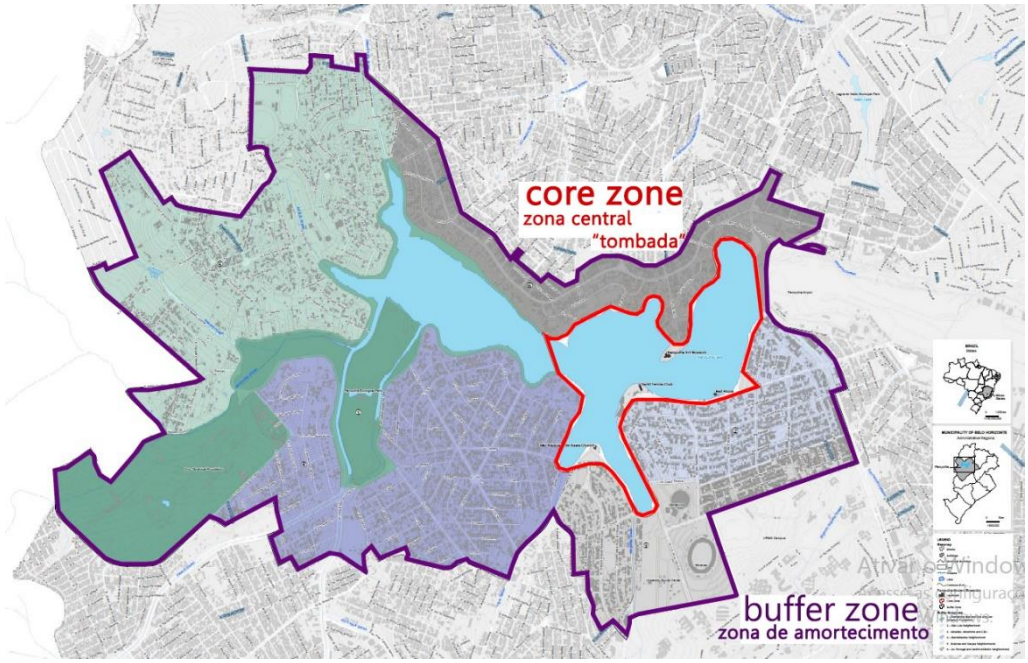
De um lado, para manter uma paisagem dominante (lado valorizado do patrimônio cultural mundial), cria-se uma barreira e produz-se uma paisagem excluída, do outro lado. A que existe para manter o belo é o aprazível, é uma contradição/negação do que se verifica do outro lado. Nega-se uma totalidade do território, um conjunto de rios que drenam e escoam a vida e a história de não tratamento dos córregos que mantém o espelho d´água da represa. Na imagem da figura 2 temos a bacia hidrográfica e a sua dinâmica de quantidade e qualidade de águas, aqui expressa visualmente pelo resultado na época de uma chuva de julho, seca em Belo Horizonte, observados pela contaminação, pelo carreamento de resíduos diversos, lama, barro, garrafas pets, etc; que devem ser apagados para manter o outro lado perfeito.

Para embargar o indesejado alastramento da macrófita aguapé vindo desses córregos, foi instalada uma rede flutuante com tambores pela Superintendência de Desenvolvimento da Capital após o último desassoreamento da Lagoa, realizado em 2013. A segunda rede é instalada no ano de 2016 pelo Consórcio Pampulha Viva, responsável pelo processo de despoluição química da Lagoa. A barreira, que possui microfiltro de sedimentos que se estende até o fundo do reservatório, provoca retenção (e decantação) significativa dos sedimentos finos, permitindo o deslocamento da água em direção ao Vertedouro e mantendo a qualidade da água na metade Leste da represa consideravelmente melhor em relação a metade Oeste. O manejo da Lagoa uma área-tampão à Oeste onde afluem os três maiores córregos da Bacia: Ressaca, Sarandi e Bom Jesus. A concordância dos órgãos gestores e executores

Não coincidentemente, as quatro edificações contempladas pelo título da UNESCO de Patrimônio da Humanidade estão na metade Leste da Lagoa, sendo o prédio administrativo da Fundação Zoo-Botânica projetado por Oscar Niemeyer sequer considerado pela comissão de candidatura do Iphan e da Prefeitura. Para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), "as quatro construções ainda mantêm uma boa relação entre elas, frontalmente com a Lagoa e com os bairros ajardinados em seu entorno"[x].

Portanto nota-se a recorrência da separação da Lagoa da Pampulha em duas partes com entornos distintos, à Leste, ambientalmente preservada e turística e pertencente ao core zone (linha delimitada em vermelho no mapa) - paisagem dominante, e à Oeste (maior parte pertencente ao Buffer zone em azul), onde concentram foz de diversos córregos, e periférica em relação aos equipamentos públicos e infra-estrutura urbana – paisagem excluída do território de bacias hidrográficas. Leituras de paisagem que puderam ser produzidas pelo debruçar no texto de Cosgrove (1998).

Figura 3: Core zone e buffer zone do Conjunto Moderno da Pampulha



Disponível em: http://whc.unesco.org/en/list/1493

3. INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: COMUNICAR PARA INTEGRAR E RECONHECER O TERRITÓRIO DAS ÁGUAS DA BACIA DA PAMPULHA E DO PATRIMÔNIO CULTURAL MUNDIAL

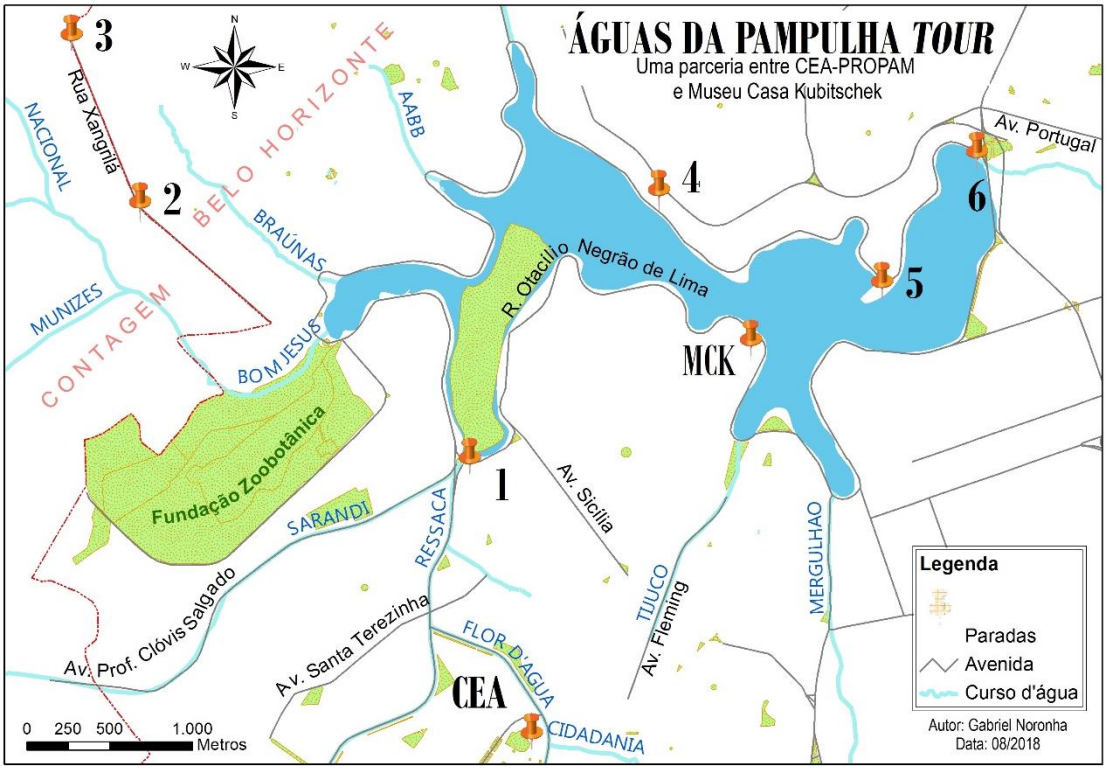
Dessa forma, foi concebido o Águas da Pampulha tour[xi]: um projeto que convida a

todos para um passeio pela orla da Represa da Pampulha e adjacências explorando seus diferentes aspectos, municipais, extramunicipais e territoriais, tendo em vista que boa parte das águas que formam a represa são produzidas fora do entorno imediato, mais especificamente em Contagem - município limítrofe de Belo Horizonte. Utilizando-se do método de leitura da paisagem cultural, apresentando os símbolos e seus significados (Cosgrove, 1998).

Considerando seu valor enquanto Patrimônio da Humanidade, como primeiro bem moderno reconhecido pela Unesco na categoria de Paisagem Cultural, pretendemos observar mais atentamente a paisagem em que estamos inseridos dando enfoque às questões socioambientais relacionadas à Bacia Hidrográfica da Pampulha. Ao longo do tour tentamos responder à pergunta “de onde vem a água da represa da Pampulha?”, sem perder de vista as contradições que permeiam a ocupação urbana deste vasto espaço da metrópole belo-horizontina de que se trata a Pampulha. Onde restam as nascentes (e matas) mais bem preservadas? Contagem é próxima ou é realmente parte da Pampulha? Quais ângulos fantásticos a represa nos reserva? Que significados tem a água, que é a totalidade do encontro dos córregos e rios represados em 1938. Quantas paisagens existem nesse complexo? Quais são mais valorizados e os que são menos valorizados e por quê?

Dessa forma, foram construídos 6 locais de interlocução sobre águas, paisagem cultural e patrimônio e ícones geográficos que representam os diferentes momentos de configuração dessa paisagem (Figura 4), entre eles: 1) Foz Ressaca – Sarandi; 2) Interflúvio Bom Jesus – Braúnas; 3) Teleférico; 4) Escadaria Avenida Portugal; 5) Museu de Arte da Pampulha; 6) Novo Vertedouro.

Figura 4: Roteiro do Águas da Pampulha Tour



A primeira edição do Águas da Pampulha tour ocorreu no dia 24 de junho de 2017 com público espontâneo e inscrições prévias, e foi incorporada à programação do evento mensal *Diálogos Possíveis,* realizado pelo Museu Casa Kubitschek (MCK) em parceria com o CEA-PROPAM e em celebração ao mês do meio ambiente. Após consideração das avaliações feitas pelos participantes, foi realizado novo circuito piloto entre os proponentes, resultando na redução para as seis paradas vigentes, e proposição de uma caderneta de campo com folhas para variadas finalidades, onde o visitante pudesse fazer os registros de sua atividade de campo, além de breve introdução sobre o tour, mapa do trajeto (FIGURA 4).

Os pontos de parada escolhidos manifestam interesse em mencionar os nove córregos subafluentes da represa da Pampulha, evidenciar divisores de água (parada 2) e aproximar a história de Contagem, periferia e dos subúrbios belo-horizontinos (parada 3). O Águas da Pampulha *tour* pretende discutir questões atuais de acessibilidade e mobilidade (parada 4), além de dilemas pretéritos e futuros sobre uso e função do Conjunto moderno (parada 5). E finalmente, a partir da barragem e do vertedouro, entender como se deu a criação da represa, e como o olhar da bacia hidrográfica permite uma conexão com territórios à jusante da Pampulha (parada 6)

Pretendemos, portanto, com essa abordagem mostrar as possibilidades de se

trabalhar o tema bacia hidrográfica para fortalecer a unidade do patrimônio cultural mundial, nesse caso a Pampulha. No entanto, ao mesmo tempo apresentamos a possibilidade pedagógica para outros lugares/museus/espaços que tenham forte apego cultural ligado ao elemento/bem, as águas, um tratamento pedagógico e assertivo sobre o tema a partir de um trabalho de campo que aqui chamamos de *tour.*

CONCLUSÃO

As Pampulhas, do patrimônio cultural mundial que se formam a partir das águas dos córregos de territórios além represa, geram paisagens diferentes para os olhos e para o uso da população belorizontina e para os turistas. Percebemos que as leituras sobre o histórico e a atualidade da formação da represa e da discussão dos córregos que a abastecem ainda é pouco difundida pelos órgãos do patrimônio cultural de Belo Horizonte. Nesse sentido fizemos uma incursão de entendimento do que é paisagem cultural pela Unesco, pela Geografia e utilizamos o arcabouço teórico-metodológico para analisar esse universo que contempla esse patrimônio. Concluímos que as paisagens emergentes e excluídas nesse território são fonte e recarga de manutenção do patrimônio que em 2016 foi atestado como tal. No entanto, chamamos atenção: se não forem utilizadas políticas de intervenção conjuntas e eficazes nos “vizinhos municípios e córregos” que consubstanciam esse território, podemos temer a manutenção desse patrimônio, pois estamos em período probatório ainda pela UNESCO. Percebemos, também que a leitura do território é ainda incipiente para trabalhos museológicos com o público de turistas e principalmente pelos moradores de Belo Horizonte. Há a necessidade de ampliar a noção de território, principalmente quanto às águas, bens naturais que se encontram com símbolos arquitetônicos de extremo valor paisagístico.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Maria Geralda de; Tadeu Almeida ARRAIS. "**É geografia, é Paul Claval.**" Goiânia: FUNAPE, 2013. 176 p.

ALMEIDA, Maria Geralda de. "Paisagens Culturais e Patrimônio Cultural: Contribuições introdutórias para Reflexões. In " ***Maneiras de ler: geografia e cultura*** *[recurso eletrônico]/Álvaro Luiz Heidrich, Benhur Pinós da Costa, Cláudia Luisa Zeferino Pires (organizadores).–Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura* (2013): p. 186-194.

BERNARDES, A. K. (Org.). **Conhecer e Reconhecer: patrimônio cultural**. 1 ed. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, 2015, vol. 02.

CARSALADE, F. Pampulha. Coleção BH. A cidade de cada um. Belo Horizonte: **Conceito**, 2007.

COSGROVE, D. E. A geografia está em toda a parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **P*aisagem, tempo e cultura.*** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 92-122.

FIGUEIREDO, Lauro César. NOVOS OLHARES SOBRE A DIMENSÃO GEOGRÁFICA DA CULTURA: O PATRIMÔNIO CULTURAL. In:" ***Maneiras de ler: geografia e cultura*** *[recurso eletrônico]/Álvaro Luiz Heidrich, Benhur Pinós da Costa, Cláudia Luisa Zeferino Pires (organizadores).–Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura* (2013). p. 206-219.

FIGUEIREDO, Lauro Cesar. Perspectivas de análise geográfica do patrimônio cultural: algumas reflexões. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 17, n. 1, p. 55-70, 2013.

GIANASI, Lussandra Martins; CAMPOLINA, Daniela. **Geotecnologias na educação para gestão das águas:** mapeamento geoparticipativo 3P. 1. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. v. 1. 104p.

HISSA, Cássio. Território de diálogos possíveis. In: RIBEIRO, M. & MILANI, C. **Compreendendo a complexidade socioespacial contemporânea**. EDUFBA. 2009.

HEIDRICH, Alvaro Luiz. "Território e cultura: argumento para uma produção de sentido." ***Maneiras de Ler Geografia e Cultura***. *[recurso eletrônico]/Álvaro Luiz Heidrich, Benhur Pinós da Costa, Cláudia Luisa Zeferino Pires (organizadores).–Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura* (2013). p. 52-61.

LANA, Ricardo Samuel de. **Arquitetos da Paisagem**. Década de 1940. Memoráveis Jardins. Roberto Burle Marx e Henrique L. de Mello Barreto. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 2009.

NORONHA, Gabriel Teles. **Bacia Hidrográfica da Pampulha e urbanização**: das nascentes à represa 2018. 103 f. Monografia (graduação) - Universidade Federal de Minas Gerais, IGC/UFMG.

PIMENTEL, T. (Org.): Pampulha Múltipla. FERREIRA, L. As várias Pampulhas, no tempo e no espaço. **Museu Histórico Abílio Barreto**, Belo Horizonte, 2007.

RIBEIRO, M. A.; CAMARGO, E.; FRANCA, D. T.; CALANSAS, J. T.; BRANCO, M. S. L. C.; TRIGO, A. J. Gestão da água e paisagem cultural**. Rev. UFMG**, Belo Horizonte, v. 20, n.2, p. 44-67, jul./dez. 2013.

RESCK, R. et. Al**. Nova batimetria e avaliação de parâmetros morfométricos da Lagoa da Pampulha** (Belo Horizonte, Brasil). Geografias dez. 2007. p.24-37

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço: Tempo e Técnica, Razão e Emoção**. São Paulo: Edusp, 2006.

WSTANE, Carla. Gestão de águas urbanas: mobilização social em torno de rios invisíveis. 2013. 195 f., Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências.

[i] The final category is the **associative cultural landscape**. The inclusion of such landscapes on the World Heritage List is justifiable by virtue of the powerful religious, artistic or cultural associations of the natural element rather than material cultural evidence, which may be insignificant or even absent. https://whc.unesco.org/en/culturallandscape.

[ii] Entendemos nesse trabalho a famosa lagoa da Pampulha como represa, pois foi um ato humano que a criou e não uma obra da natureza por ela mesma.

[iii] portal.iphan.gov.br/uploads/.../FMC_dossie_conjunto_moderno_%20da_pampulha.pdf

[iv]Dossiê de candidatura do Conjunto Moderno da Pampulha – Sumário Executivo, pg. 103, 2016.

[v]A estratégia de controle urbano da lagoa é definida pelo Programa de Recuperação da Bacia da Pampulha/ PROPAM, previsto em lei e que, desde a sua criação em 1998, vem realizando ações em toda a bacia (consorciado com o Município de Contagem, único outro município na sua Bacia) e obras gerais de recuperação da lagoa. A implantação do Parque Ecológico Promotor Francisco Lins do Rego, em 2003, conhecido como Parque Ecológico da Pampulha, propiciou um uso popular maior para a lagoa como espaço público e, fisicamente, vem contribuindo, como um dique, para o seu controle ambiental.

[vi] A metodologia desenvolvida no livro relaciona-se aos 3Ps e é foi adotada por discutir a questão das águas pelo viés das bacias hidrográficas e não por partes fracionadas do espaço.

[vii] Águas que podem ser destinadas: a) ao abastecimento para consumo humano, após tratamento convencional ou avançado; b) à irrigação de culturas arbóreas, cerealíferas e forrageiras; c) à pesca amadora; d) à recreação de contato secundário; e e) à dessedentação de animais.

[viii] RAFFESTIN, C. “Repères pour une théorie de la territorialité humaine”. In: DUPUY, Gabriel *et alli.* Reseaux territoriaux. Caen: Para- digme, 1988.

[ix] SAUER, Carl O. Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; RO- SENDAHL, Zeny (orgs). Introdução a Geografia Cultural. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. p.19-26.

[x] Traduzido pelos autores de: Pampulha Modern Ensemble - Disponível em http://whc.unesco.org/en/list/1493/

[xi]Esta é uma iniciativa em parceria entre o Centro de Educação Ambiental do Consórcio de Recuperação da Bacia da Pampulha e o Museu Casa Kubitschek e a UFMG.